

Outro sistema e outros costumes

RAUL PILLA

LEGALMENTE nada obrigaria o gabinete britânico a convocar agora eleições gerais, pois não está o parlamento com seu mandato a findar. Embora pequena seja a sua maioria na Câmara dos Comuns, poderia o governo manter ainda por muito tempo a sua posição. Isto não obstante, acaba êle de apelar para a manifestação do eleitorado, aceitando o desafio que, há muito tempo, lhe fizera Churchill, o chefe adverso. Dificultoso é fazer previsões sôbre o próximo pleito, mas indubitável parece que os trabalhistas estejam perdendo terreno, como acontece geralmente com todo partido no poder.

Ora, aí está um fato que difficilmente se compreenderia num país presidencialista — que um governo vá espontaneamente ao encontro da morte — mas é a coisa mais natural dêste mundo nos países parlamentarista. Certo, é necessário reconhecer, no caso, o que o caráter inglês tem de especial e superior, mas convém também assinalar que êle não é tão singular como se imagina: o povo britânico já apresentou muitos dos defeitos, que hoje só se encontram em outros povos, por isto considerados inferiores. Em verdade, algumas das suas virtudes resultam do próprio sistema político em que êle se educou.

Há um princípio que é fundamental em democracia: que o governo só se exerce legitimamente, enquanto dispõe do apoio, ou, pelo menos, do consentimento da maioria. E há um sistema, um único sistema que obedece rigorosamente a êste princípio — o sistema parlamentar. Por isto, basta ao gabinete a desconfiança de já não gozar o apoio da opinião pública, para que trate de verificá-lo. Se ela se lhe mostra favorável, o governo sai fortalecido; no caso contrário, cai, mas sem que o partido perca a possibilidade de voltar ao poder em mais favorável conjuntura.

Esta é a base dos costumes políticos da Inglaterra.